

Escola do Campo no Assentamento Monte Alegre

Noemi Jesus de Oliveira¹
Maria Cristina dos Santos Bezerra²

Resumo

O texto apresentado faz parte da pesquisa de conclusão do Curso de Pedagogia da Terra na Universidade Federal de São Carlos em 2011, apresentada com título “A experiência da Escola do Campo no Assentamento Monte Alegre”. Traz a experiência de uma escola do campo localizada no assentamento Monte Alegre na região de Araraquara, interior de São Paulo. Partindo do resgate da história do Assentamento buscou-se unir a contextualizações desse processo a conquista da Escola Municipal de Ensino Fundamental do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado. Nos entremeios dessa experiência foi ressaltada a implementação da proposta pedagógica, os limites e possibilidades da Educação do Campo dentro de tal realidade, considerando as contradições enfrentadas no funcionamento da escola no contexto do Assentamento. O apontamento de práticas desenvolvidas no espaço escolar visa partilhar experiências para produzir novas reflexões e ações; portanto, esse texto busca dar, através dessa experiência, uma contribuição para outras realidades escolares semelhantes e, sobretudo, ampliar nossos conhecimentos sobre a Educação do Campo entendida a partir da realidade concreta.

Palavras-chave: Assentamento. Educação do Campo. Escola do Campo

¹Pedagoga formada pelo primeiro Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Moradora do Assentamento Monte Alegre III- Araraquara desde 1990. E-mail: noemi.ufscar@gmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Educação da UFSCar, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo (GEPEC-UFSCar).

Experiência da Escola Do Campo no Assentamento Monte Alegre

São muitos os estudos que se voltam para a análise de Assentamentos enfocando a sua organização, o cultivo agrícola, o desenvolvimento sob diversos aspectos: econômico, social, político ou cultural. E não menos importante, as propostas educativas vem sendo recentemente analisadas dentro desse espaço com a preocupação de valorização da realidade do campo.

Este texto busca adentrar neste debate para explicitar a proposta de educação do campo da EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado localizada no Assentamento Monte Alegre na cidade de Araraquara-SP.

Um assentamento sempre traz na sua composição uma diversidade de elementos que envolvem desde as instituições até as pessoas que vem e carregam visões de realidades sociais e culturais diferentes, embora façam parte da classe trabalhadora. No entanto a busca de valorização, respeito e, sobretudo os direitos reservados aos demais não se findam na definição da conquista da terra, mas continua no dia-a-dia da realidade dos assentados. Nesse sentido é “preciso acreditar que, antes, determinados tipos de homens criam determinados tipos de educação, para que depois, ela recrie determinados tipos de homens” (BRANDÃO, 1981 p.100).

De acordo com Ponce (1986) os fatos educacionais só podem ser entendidos quando analisados a partir da produção socioeconômica e suas contradições em cada momento histórico de mudanças e da luta entre classes.

Ao longo dos tempos, na constituição da sociedade capitalista, a necessidade de comportamentos condizentes ao modelo social se impôs e a escola se transformou em um instrumento importante para a transmissão dos valores e dos conhecimentos que são necessários para a sociedade.

A educação tem variado infinitamente com o tempo e o meio. Nas cidades gregas e latinas, a educação conduzia o indivíduo a subordinar-se cegamente á coletividade, a tornar-se uma coisa da sociedade. Hoje esforça-se em fazer dele personalidade autônoma. Em Atenas, procurava-se formar espíritos delicados, prudentes, sutis, embebidos da graça e harmonia, capazes de gozar o belo e os prazeres da pura especulação; em Roma, desejava-se especialmente que as crianças se tornassem homens de ação, apaixonados pela glória militar, indiferentes no que tocasse às letras e às artes. Na Idade Média, a educação era cristã, antes de tudo; na Renascença, toma caráter mais leigo mais literário; nos dias de hoje a ciência tende a ocupar o lugar que a arte outrora preenchia. (PEREIRA & FORACCHI 1979, p.36-37).

Nos diferentes momentos, a educação, sua estrutura e relação de poder eram necessárias para a manutenção da ordem; baseando-se em um conjunto total dessa organização da realidade em que se constituía, de modo que “cada sociedade considerada em momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível” (PEREIRA; FORACHI 1979.p.38).

Pensando na Educação do Campo, a escola segue como um fator importante na luta contra um modelo social excludente e que atinge os direitos e as relações de organização dos trabalhadores que vivem e dependem do Campo. Sendo a educação um direito dos cidadãos ao mundo do trabalho, da cultura, da ciência, da arte, do lazer, proclamado inclusive na nossa Constituição Federal de 1988, ela

não pode ser dirigida para a reprodução do capital, mas deve ser uma educação sobre a qual os trabalhadores e seus filhos possam construir novas relações sociais, um novo projeto de sociedade, calcado no trabalho, na justiça social, na distribuição de renda, na reforma agrária. (MENEZES, 2001 p. 34)

Assim, nos processos históricos da luta dos trabalhadores do campo, a educação aparece nas reivindicações e projetos como fator essencial, parte de uma luta conjunta pelos direitos de acesso e permanência na terra.

Para que sejam efetivados a valorização e o sentido da educação do campo é preciso considerar principalmente as particularidades de seus sujeitos a fim de partir de uma educação que tenha participação e que seja significativa a todos os sentidos da vida do trabalhador do campo. Assim a educação deve levar ao conhecimento historicamente produzido pela humanidade unido ao compromisso cultural, social e de desenvolvimento desse espaço.

O Assentamento Monte Alegre percorreu um longo período de avanços retrocessos e resistências em sua história iniciada desde 1984 até 1998 em que foi efetivada sua total implantação; sendo assim diversos fatores e singularidades dessa história se fazem presentes também na experiência da escola.

Como parte da luta pela terra é que foi construída a escola no assentamento para atender a necessidade de suprir vagas para as crianças filhas dos trabalhadores do campo. Junto a todo processo de formação do assentamento surgiu uma enorme dificuldade para o acesso a educação das crianças assentadas. Essas dificuldades que percorreram anos levaram a desconsideração do direito da garantia de educação as pessoas e, concordando com Fernandes “um passo importante é reconhecermos a necessidade da escola no campo e do campo. Valorizar esta condição é o ponto de partida” (FERNANDES et al, 2004 p.33).

Enquanto não havia escola no Assentamento, as crianças tinham que estudar nas escolas dos municípios vizinhos - Matão, Araraquara e Motuca, passando por diversas dificuldades como super lotação em salas de aulas, longos trajetos que os alunos tinham que percorrer à pé até chegarem ao transporte precário, no qual havia super lotação de crianças trazendo assim riscos para as mesmas, além da viagem longa e cansativa em estradas de más condições do assentamento até a escola na zona urbana, sem falar nos preconceitos enfrentados no ambiente das escolas urbanas causando sofrimento aos filhos dos trabalhadores do assentamento.

No processo de formação do assentamento, unido às reivindicações sociais; a necessidade de uma escola no assentamento foi se mostrando cada vez mais urgente.

Com as decisões tomadas a partir das inúmeras reuniões e reivindicações dos trabalhadores, a tão esperada escola veio, enfim, juntar as conquistas do assentamento. Conquista que deve ser considerada um direito a ser cumprido independente das pessoas e do lugar onde estejam. Conforme Caldart nos mostra:

a escola deve estar em todos os lugares, em todos os tempos da vida, para todas as pessoas. O campo é um lugar, seus trabalhadores também têm direito de ter a escola em seu próprio lugar e a ser respeitado quando nela entram e não expulsos dela pelo que são. (CALDART, 2004, p. 10).

Em 12 de agosto de 2000 foi inaugurada a Escola Municipal de Ensino Fundamental do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado no Assentamento Monte Alegre.

A escola tornou-se um ponto de encontro da comunidade e o seu espaço fez parte das decisões que iam dando continuidade a história de conquistas do assentamento e também as reivindicações para a melhoria da escola em todos os sentidos. Contudo devemos perceber que essa escola ainda deveria ser pensada como um espaço não unicamente de conquistas, mas daí em diante como “a força real que se integra à situação histórica e social efetiva, com base na concepção da própria educação como órgão social estrategicamente vital” (MÉSZAROS, 2008, p.95) e nesse sentido iniciou-se o Projeto Escolas do Campo em Araraquara, embasados nos seguintes princípios:

Hoje buscamos um novo tipo de escola, um novo jeito de educar. Uma escola onde se educa partindo da realidade, onde se ofereça aos educandos as oportunidades de experiências de vida ricas, significativas e concretas, onde educador e educando são companheiros e trabalham juntos, aprendendo e ensinando; uma escola que seja o espaço de humanização, socialização e processo de construção de conhecimentos e valores necessários para a conquista do exercício pleno da cidadania; uma escola que incentiva e fortalece os valores do trabalho, da solidariedade, do companheirismo, da responsabilidade e do amor à causa do povo. (Grupo de trabalho da Escola do Campo I Conferência Municipal de Educação de Araraquara SP, 2001)

Parte das reivindicações dos assentados frente à educação já estava concretizada, a conquista da escola e gradativamente as melhorias de seu funcionamento, mas ainda era nítida a necessidade de um ensino voltado a classe trabalhadora do Campo. O Projeto Escola do Campo surgiu então como parte significativa da história da escola no assentamento Monte Alegre.

É importante destacar que no ano de 1984 o município de Araraquara contava com 31 escolas rurais e dezesseis anos depois o Estado reduziu o atendimento para 3 escolas, num total de 191 alunos³.

Formaram-se então as três escolas municipais rurais existentes em Araraquara EMEF Prof. Hermínio Pagotto no assentamento Bela Vista; EMEF Prof^a. Maria de Lourdes da Silva Prado no assentamento Monte Alegre e a EMEF. Eugênio Trovatti localizada no distrito de Bueno de Andrada⁴.

Mesmo com a redução do número de escolas no meio rural, política adotada pelo governo do estado de São Paulo, não fez com que se extinguisse o grande e significativo número de famílias assentadas que buscaram e buscam o direito de acesso e permanência a escola.

Em 2001 foi dado início ao processo de elaboração de uma proposta de educação voltada ao Campo, que inicialmente foi discutida através do Grupo de Trabalho de Escola Rural, formado no Fórum Municipal de Educação realizado em abril “o GT de Escola Rural foi o último dos grupos a se formar, mas contou com a participação de professores, diretoras e comunidade rural” (FREITAS, 2004 p.147).

Esse mesmo grupo foi responsável por levantar as propostas que mais tarde iriam compor a I Conferência Municipal de Educação em Araraquara realizada nos dias 28 de

³ Informações obtidas no diagnóstico do Projeto de Escola do Campo/ Secretaria Municipal de Educação de Araraquara.

⁴O distrito faz parte do município de Araraquara e também conta com um assentamento: Bueno de Andrada implantado em 1997.

junho e reservados os dias 29 e 30 para a discussão e deliberação das propostas. Como resultado do processo de discussões e encaminhamento da conferência foram elaboradas as Diretrizes da Escola Rural⁵ e no contexto dos espaços escolares e das comunidades em que se constituía o Projeto Escola do Campo em Araraquara tiveram dissensões sobre esse:

No decorrer das discussões foram identificadas algumas das causas que permeiam as diferentes concepções e interesses da comunidade escolar interna, em especial do grupo de professores: o descomprometimento de alguns professores com as lutas da comunidade; a visão subjacente que alguns educadores têm do movimento social - em especial o MST, que naquele momento participava do debate; o discurso progressista do professor e sua prática conservadora; o receio de interferências externas a escola, interpretadas como possibilidade de desestabilização do isolamento da Escola do Campo, que até então estava “salvo” da supervisão e avaliação; a formação do professor para trabalhar com a realidade do campo e o sentimento de não pertencer ao campo. (FREITAS, 2004, p.149).

O Assentamento Monte Alegre viveu intensamente esse momento. Tanto no interior da escola, como nas discussões com a comunidade, houve divergência de opiniões entre aqueles que apoiavam e os contrários ao projeto escola do Campo.

Mesmo em meio as controvérsias o projeto de educação do Campo se fez realidade na escola e através dele teve início a organização e execução das propostas elaboradas a partir dos seguintes Princípios do Programa Escola do Campo⁶: Valorização social da educação; Democratização do acesso ao conhecimento; Gestão democrática e participação; Valorização da cultura e do trabalho; Conscientização ecológica; Inserção da escola no contexto regional; Construção de espaços e tempos alternativos; Resistência e luta do homem do Campo; Concepção de que a história é construída por lutas sociais; Construção de um novo homem e nova mulher.

A escola Maria de Lourdes passava então por um momento significativo em que a proposta de uma educação voltada ao Campo começava a tomar forma. O esforço de realizar a prática junto aos princípios norteadores para a escola do Campo rendeu o comprometimento, esforço e superação dos professores, alunos e comunidade que anteriormente não tinham muito conhecimento sobre questões da educação do e no Campo. Desde então ainda era possível ver que outra etapa do Projeto se desdobrava agora nos limites da realidade e prática na escola, influenciando assim na concretização dos princípios estabelecidos. Assim o desafio das diferentes concepções agora também se refletia no trabalho pedagógico desenvolvido no contexto escolar.

O desafio em realizar um Projeto de Escola do Campo não é só quanto as especificidades colocadas por professores, escolas ou lugar, mas, envolve enfrentamento de valores e visões disseminadas pelo sistema capitalista. A escola do campo se configura em um projeto popular direcionado a valorização dos sujeitos do campo. Portanto é necessário considerar que a educação do campo, envolvendo a dinâmica escolar e os sujeitos dessa, enfrenta não só o desafio de formação relacionada a um modelo social justo de valorização e desenvolvimento. Com as contradições e dificuldades enfrentadas na escola do assentamento Monte Alegre podemos ver que a questão vai além da aproximação

⁵Principais reivindicações: “Diretrizes: Escola Rural” texto final da I Conferência Municipal de Educação de Araraquara, p.12, 7/8/2001.

⁶Apresentação do Programa Escola do Campo/ Secretaria de Educação de Araraquara (seceducacao@araraquara.sp.go.br)

e reconhecimento da realidade e de uma Educação do campo; mas de um enfrentamento a uma organização social já estabelecida nos entremeios da organização e vida tanto dos assentados como da comunidade escolar,

Do ponto de vista pedagógico, em meio à superação dos limites do trabalho voltado à realidade, mesmo sem uma participação coletiva, alguns professores se esforçavam para integrar em suas aulas temas integradores de uma educação voltada ao Campo. No esforço de investigar algumas dessas práticas através de registros⁷ foi possível ver que nesses momentos houve aulas que integraram visitas a represa, rio, cachoeira e lotes do assentamento.

Também no espaço escolar continuavam os esforços para o cultivo da horta; houve plantio de vinte e cinco ipês para a ornamentação da escola, e na cozinha experimental foram feitos tutu de feijão; suco de cenoura e laranja; tereré; oficina de geladinho e outros. Aconteceram também reuniões com pais realizadas aos sábados e participações da comunidade em eventos na escola e em outros espaços que relacionavam a participação de ambas às partes, como por exemplo, passeata em comemoração ao oito de março em São Paulo.

Ainda como desafios da construção de uma escola ligada à realidade do Campo, a EMEF Maria de Lourdes, além das divergências entre a aceitação dos professores frente ao programa, enfrentou a rotatividade não só de professores, como também da própria direção que influenciou na continuidade e desenvolvimento de um Projeto Político Pedagógico específico aos objetivos da educação do Campo. No decorrer dos onze anos de existência, a escola teve um total de sete diretoras diferentes, sendo que a maior parte ficava apenas pelo período de um ano.

Sabendo que vivemos em uma sociedade de relações contraditórias, é indispensável considerarmos a educação do campo dentro das determinações da nossa realidade e ter a compreensão de que este é um processo que deve partir do conhecimento, superação e reflexão em seu desenvolvimento junto aos sujeitos e espaço da qual faz parte e uma de maneira geral; com a clareza de seus desafios e entendimento dos elementos que a envolvem enquanto educação não isolada, mas que deve ser compreendida além de suas especificidades, considerando os elementos abrangentes de nossa sociedade:

Reconhecendo-se e aceitando-se a afirmação de que a história deve ser entendida como “a história de lutas de classes” (MARX e ENGELS, 1982, p. 106) teremos que pensar a educação do campo e seu processo de formação, buscando compreender em que sentido a problemática da educação no Brasil tem sido discutida nos últimos anos, sobretudo no que diz respeito às técnicas, conteúdos, formas de avaliação e utilidade daquilo que é veiculado e ensinado nas escolas. (BEZERRA & BEZERRA, 2010, p. 256).

Considerando o trabalho, a vida, o desenvolvimento e a educação no campo integrada ao movimento da história e realidade em que se dão as relações definidoras de nossas ações, é que devemos partir sobre o pensar e desenvolver a educação enquanto parte desse processo.

Embora as dificuldades para a manutenção da escola tenham sido grandes, o compromisso com os objetivos mais amplos impulsionavam o trabalho na escola, em parte em virtude das visitas da coordenação geral do Programa Escola do Campo. Com o

⁷Para fazer a reconstrução desses momentos utilizaram-se registros através de fotos que fazem parte do arquivo da própria escola.

reconhecimento do trabalho desenvolvido no âmbito de políticas públicas municipais nas escolas, foi possível a conquista do Prêmio Gestão Pública e Cidadania da Fundação Getúlio Vargas conferido ao Programa Escola do Campo em 2004.

Os esforços para a realização prática do programa em Araraquara ganharam visibilidade também de outros municípios despertando o interesse em conhecer, compartilhar essa realidade. E com a realização das propostas agora no espaço escolar o Programa Escola do Campo chamou a atenção de modo geral e até alcançou reconhecimento internacional, como também despertou interesse de diversos sujeitos principalmente em pesquisar essa educação nas áreas dos assentamentos de Araraquara que até então às vezes passava despercebida em relação a outras questões como, por exemplo, o modo de produção e vida dos assentados. No entanto as pesquisas se voltaram mais na área do assentamento Bela Vista onde consideravelmente o programa foi desenvolvido e aperfeiçoado na escola com mais sucesso em relação às escolas de Bueno de Andrada e do Monte Alegre.

Em meio a essa dinâmica do projeto escola do campo e da própria realidade da escola do assentamento Monte Alegre devemos entender as dificuldades que a realidade muitas vezes impõe na concretização de uma educação emancipatória e de valorização do campo e de seus sujeitos como parte de um novo projeto de sociedade visado pela educação do campo. Mas é preciso manter firme as perspectivas de uma educação que envolva os sujeitos de forma significativa em sua realidade, a fim de fortalecer o processo de conquista da classe trabalhadora não só dos direitos, mais da real concretização de seus objetivos como um todo.

Em comemoração aos dez anos da escola no dia 2 de setembro de 2010, os alunos apresentaram poesias referentes ao aniversário da escola, e nessas poesias ficou claro o prazer e o orgulho que esses têm por esse espaço que consideram não só como um lugar de estudo mas de cultivo às amizades, respeito e de relação com o campo; a percepção dessa satisfação em estudar no campo e o bom relacionamento do aluno com escola em vários sentidos.

Nesse sentido devemos considerar a importância em que deve se dar a formação das crianças que tem no campo um espaço de cultivo de suas vivências, liberdade, brincadeiras e de conhecimento; na integração da escola no campo como um ambiente acolhedor de educação e desenvolvimento real de uma educação do campo.

A escola como ambiente significativo de relações tem um grande potencial em contribuir na construção de valores e relações pautadas nos princípios de uma educação conscientizadora e formadora de sujeitos comprometidos com a realidade social em busca de superações para a classe trabalhadora.

A escola deve ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento de cultura, valores e identidade das crianças adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. (ARROYO et all 2004 p. 14)

A escola é considerada um dos principais pontos de referência do assentamento. Como espaço sociocultural visa resgatar e valorizar os sujeitos como participantes sociais concretos. Na perspectiva do Campo como lugar de vida e produção humana, a educação deve ser pensada como desenvolvimento do sujeito e da própria comunidade. As propostas devem ter sentido para o coletivo sobre uma educação de integralidade, contextualizada, reflexiva e ativa da e na realidade.

No decorrer da pesquisa foram surgindo questões importantes ao considerarmos e pensarmos a escola e educação do campo no contexto do assentamento. Questões essas que envolvem desde a história do assentamento Monte Alegre, suas mudanças nas relações de produção, sociais e até mesmo culturais; a não presença de um movimento social; o modo de organização; a visão dos assentados e comunidade escolar perante a educação do campo; os objetivos das novas gerações frente à vida e trabalho no campo dentro dessas determinadas mudanças tanto no espaço do assentamento como em nossa realidade mais ampla; devem perpetuar de maneira significativa nossas reflexões sobre a escola nesse contexto.

Sabendo que vivemos em uma sociedade de relações contraditórias, é indispensável considerarmos a educação do campo dentro das determinações da nossa realidade e ter a compreensão de que esta é um processo que deve partir do conhecimento, superações e reflexão em seu desenvolvimento junto aos sujeitos e espaço da qual faz parte e também de maneira geral; com a clareza de seus desafios e entendimento dos elementos que a envolvem enquanto educação não isolada, mas que deve ser compreendida além de suas especificidades, considerando elementos abrangentes de nossa sociedade.

Entendendo a importância da continuidade de estudos, ações e reflexões constantes sobre a proposta e desenvolvimento da educação do campo a fim de colaborar não só no campo teórico, mas, sobretudo na continuidade de políticas públicas e favorecimento as inúmeras realidades dos acampamentos, assentamentos, municípios, estados e do campo brasileiro como um todo em busca de superação das desigualdades sociais é que se deve dar a reflexão sobre o que é a educação do campo não só na preocupação de conceituá-la, mas entender na prática como se deve dar a realização de seus objetivos, é necessário refletir sobre a realidade do campo hoje, suas mudanças, que respectivamente influencia na vida desejos esperanças, dificuldades e anseios da criança, jovem, adulto e idoso do campo.

Falar de escola e educação do Campo ainda é um grande desafio, mesmo fazendo o recorte de uma realidade específica; pois ao longo do percurso descobrimos diversos elementos que influenciam a história da escola principalmente no espaço do assentamento o qual envolve muito além de ensino e aprendizagem, mas sujeitos e sociedade integrados a dinâmica de superações movida por contradições. Através disso devemos tirar a lição de que a educação nesse contexto deve interligar a realidade e conhecimento proporcionando condições de ação e dando sentido real a vida dos sujeitos do campo. No objetivo de definir a experiência da escola no Assentamento fica a aspiração não de conclusão mais de uma perspectiva além para contribuir em diferentes sentidos com a desafiante educação do campo.

Referências

II ENCONTRO de Educadores/ as das Escolas do Campo de Araraquara. EMEF do Campo Prof. Hermínio Pagóttto. Assentamento Bela Vista do Chibarro, 24/07/2006.

ARROYO; CALDART; MOLINA (orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BEZERRA NETO, Luiz; BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. A Importância do materialismo histórico na formação do educador do campo. Campinas, **Revista HISTEDBR On-line**. Número especial, p.251-272, ago.2010.

BRANCALEONE, Ana Paula. **Do rural ao urbano: o processo de adaptação de alunos moradores de um assentamento rural á escola urbana**. Dissertação (mestrado)-

Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP,2002, 219p.

BRANDÃO, Carlos. **O Que é Educação**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense; 1981. (coleção primeiros passos).

BRASIL. **Constituição Federal 1988**. Senado Federa/Secretaria Geral de Mesa.
BENJAMIM, César; CALDART, Roseli. **Projeto popular e escolas do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção Por uma Educação Básica do campo, nº 3.

CALDART, Roseli Salette. **Educação do Campo**: notas para uma análise de percurso. Notas elaboradas para exposição no minicurso sobre Educação do Campo na 31ª Reunião Anual da ANPED, programação do Grupo de Trabalho Movimentos Sociais e Educação, Caxambu 20 e 21 de outubro de 2008. Publicado em Revista Científica da EPSJV/FIOCRUZ, Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro, v.7, pág.35-64, mar/jun 2009.

_____. **Elementos para construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo**. In: MOLINA; JESUS (orgs) Por uma Educação do Campo/ Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo. Brasília,DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2004-Coleção Por uma Educação do Campo nº 5.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Os Campos da Pesquisa em Educação do Campo: espaços e territórios como categorias essenciais**. Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2004.

FREITAS, Alexandre Luiz Martins. **Escolas do Campo: a Proposta de Araraquara**. In: GIL, Juca (org.). Educação Municipal experiências de políticas democráticas. Ubatuba (SP): Estação Palavra, 2004.

MENEZES Neto, Antonio Júlio de. **Além da Terra: A dimensão sócio-política do projeto educativo do MST**. Tese de Doutorado/FE. USP. SP 2001.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PEREIRA Luis; FORACCHI, M. Marialice. **Educação e Sociedade** (leituras de sociologia da educação).10. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Coleção educação contemporânea).